

O PROCESSO DE INCLUSÃO AO ALUNO COM SÍNDROME DE ASPERGER

CERCAL, Janaína

RU 2410091

Orientador: BONFIM, Lucília

RESUMO

Este artigo procura abordar a inclusão de alunos portadores da Síndrome de Asperger, incluída no Transtorno do Espectro do Autista. O fato desses alunos verem o mundo de forma objetiva e lógica, acaba atrapalhando a comunicação, tanto na compreensão das informações, como no convívio social. O objetivo deste trabalho é conhecer as características destes alunos e utilizar estratégias psicopedagógicas para o processo de inclusão e ensino-aprendizagem, através do estudo bibliográfico na perspectiva de alguns autores, inclusive autores diagnosticados com a síndrome. O estudo indica que ainda existe um despreparo de profissionais da educação, sendo necessário uma formação continuada, um olhar diferenciado e atendo impulsionando para as mudanças nas instituições escolares, a fim de tornarem inclusivos, respeitando a diversidade humana. Conclui-se também que a presença da família, o estreitamento de laços em sala de aula e a ajuda da comunidade em geral, proporciona um bom desenvolvimento acadêmico e social ao aluno.

Palavras-chave: Inclusão. Educação. Síndrome de Asperger.

1-INTRODUÇÃO

Este artigo formou-se a partir de pesquisas bibliográficas, tendo como finalidade conhecer a síndrome de Asperger, dentro do espectro autista, e ajudar a solucionar as dificuldades enfrentadas por esses alunos no processo de inclusão em meio ao ambiente escolar.

Diferentemente do autismo clássico, não apresenta atrasos ou retardo global no desenvolvimento cognitivo, possui dificuldades de interação social, não compreende sentimentos e intensão dos outros, e o expressar suas próprias emoções torna-se uma tarefa muito difícil. Apesar desses problemas com a linguagem e comunicação, não significa que não querem ter contatos, mas que fazem de maneira inapropriada, e por assim não conseguirem relacionar-se com outros indivíduos, se frustram e conseqüentemente acabam ficando isolados.

Este é um dos problemas enfrentados nas escolas, o professor fica admirado com a inteligência e fala desenvolvida da criança e considera que o quadro não requer maiores

cuidados, afinal, a impressão comum é a de uma criança com boa desenvoltura e aparentemente sem grandes dificuldades, e essa ideia errônea costuma ter consequências negativas, a criança pode recusar ir à escola, aumentar seus interesses obsessivos, desenvolver crises de birra, fobia social, levando este aluno ao isolamento, causando muitas vezes o bullying. Para Cunha (2011) “A psicopedagogia busca compreender como ocorrem os processos de aquisição do saber e entender as possíveis dificuldades que o aluno encontra neste processo”.

Com isso, este trabalho tem como objetivo principal reunir conhecimentos sobre a síndrome de Asperger e seus efeitos no processo de desenvolvimento e aprendizagem, e assim poder favorecer as práticas psicopedagógicas, respeitando as diversidades e individualidades para o processo de inclusão.

2-TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A Síndrome de Asperger (S.A.), é um transtorno neurobiológico enquadrado dentro da categoria Transtornos do Neurodesenvolvimento, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V). A Síndrome de Asperger afeta a forma como as pessoas percebem o mundo e interagem com outras pessoas. Trata-se de um dos perfis ou espectro de autismo, o chamado Transtorno do Espectro Autista (TEA)

“Desde 1938, chamaram-nos a atenção várias crianças cujo quadro difere tanto e tão peculiarmente de qualquer outro tipo conhecido até o momento que cada caso merece – e espero que venha a receber com o tempo uma consideração detalhada de suas peculiaridades fascinantes.” (Kanner, 1943). Conforme ainda descreveu doutor Léo Kanner médico e psiquiatra em seu artigo na revista *The Nervous Child* “Os transtornos do contato afetivo” (1943), identificava a partir de suas observações os padrões e traços similares registrados em um grupo de onze crianças pertencentes a um estudo de caso:

Características especiais recorrentes em 3 aspectos no estudo de caso. (KANNER, 1943):

As relações sociais: O traço fundamental do autismo é “incapacidade para relacionar-se normalmente com pessoas e situações”.

A comunicação e a linguagem: Kanner destaca um conjunto de deficiências e alterações na comunicação e na linguagem das crianças autistas, incluindo ecolalia, entendimento literal, inversões dos pronomes pessoais, falta de atenção a linguagem, aparentam serem surdos e a falta das emissões.

A insistência em não variar o ambiente: Kanner destaca a rígida aderência a rotinas e a insistência das crianças autistas na igualdade.

Kanner primeiramente buscava a atenção para o caráter biológico, tentando achar semelhanças entre pais e filhos, descreveu em seu parágrafo final: “devemos, portanto, supor que estas crianças vieram ao mundo com uma incapacidade biologicamente inata de formar laços afetivos comuns de base biológica com as pessoas, assim como as outras vêm ao mundo com a incapacidades físicas ou intelectuais inatas” (KANNER, 1943 p,217). Estes aspectos observados o deixavam intrigado, supôs que poucas destas crianças possuía pais afetuosos. Foi mal interpretado por sua colocação, porém a verdade era que neste estágio inicial do estudo não estava necessariamente sugerindo causa e efeito, fazia apenas a constatação de semelhanças entre pais e seus 11 pacientes, podendo ter origem biológica.

Contudo em um artigo posterior de 1949, ele muda esta atenção biológica para o caráter psicológico, falando sobre os comportamentos dos pais, Kanner era produto da época e somente muito tempo depois começou a analisar os efeitos do autismo.

Temple Grandin descreve sua perspectiva através da descrição de Kanner sobre comportamentos em seu livro o cérebro autista:

Na verdade, Kanner inverteu causa e efeito. A criança não se comportava de modo psiquicamente isolado ou fisicamente destrutivo porque os pais eram emocionalmente distantes. Em vez disso, os pais que eram emocionalmente distantes porque a criança se comportava de um modo psiquicamente isolado ou fisicamente destrutivo (GRANDIN, 2019, p.16).

Como Temple Grandin pode descrever por suas próprias experiências ao longo dos anos estando no espectro, fica claro em seu livro que as suas atitudes eram uma causa efeito, por determinadas ações. Ela descreve:

Minha mãe é um destes casos, ela pensava: se a Temple não me quer mantereí distância. Porém o problema não era que eu não a quisesse. Era que a sobrecarga sensorial de um abraço fazia meu sistema nervoso pifar. (claro que naquele tempo ninguém entendia a hipossensibilidade sensorial). (GRANDIN, 2019).

Contudo, na década de 1970 a psiquiatria teve uma grande mudança de perspectiva, em vez de tentar descobrir a causa, começaram a focar nos efeitos. Na edição do DSM-III de 1987 listava o autismo infantil em uma categoria mais ampla denominada transtornos globais o desenvolvimento (TGD), em que cobria casos que os sintomas do autismo eram mais brandos, porém nem sempre os mesmos sintomas estavam presentes. Mais à frente

na edição DSM-IV 1994 foi acrescentado um novo diagnóstico: A síndrome de Asperger, este termo é em referência ao austríaco Hans Asperger.

Estas crianças frequentemente mostram uma surpreendente sensibilidade à personalidade do professor [...] E podem ser ensinados, mas somente por aqueles que lhes dão verdadeira afeição e compreensão. Pessoas que mostrem delicadeza e, sim, humor. (...) A atitude emocional básica do professor influencia, involuntária e inconscientemente, o humor e o comportamento da criança. (ASPERGER, 1944).

Asperger chamou a princípio a síndrome de “psicopatia autista”, porém pelo pesar do termo, acharam por melhor definir como termo síndrome de Asperger. Com a revisão de DSM-IV em 2000 adquiriu a reputação de “autismo de alto funcionamento”, pois em paralelo aos estudos, o espectro autista pode ter uma ponta, pessoas totalmente incapacitadas, e em outra, gênios como Einstein ou um Steve Jobs.

2.1-Inclusão escolar e adaptação.

O conceito de educação inclusiva é atender à provisão de recursos educativos necessários para atender as necessidades e reduzir as dificuldades de aprendizagem, as quais o aluno possa apresentar, e integrar este aluno ao ambiente escolar regular, não sendo necessário a decisão de escolarização em escolas especiais.

Todos nós, no serviço educativo, devemos procurar a utilização de todas as formas de rotulação, incluindo a de “necessidades especiais” que agora está na moda, reconhecendo que são essencialmente discriminatórias. Em seu lugar, devemos encontrar vias de reconhecimento da individualidade de cada aluno, de que todas as crianças experimentam dificuldades e de que todos podem ter êxito
(AINSCOW, TWEDDLE, 1988, p. 69)

Essa formulação descreve a individualidade de cada aluno a ser respeitada, podendo haver diferenças entre cada um, e o papel da educação precisa ser satisfatória. Como por exemplo aqueles que possuem dificuldades de comunicação, não requer resposta educativa igual ao aluno que tem deficiência motora, é necessário combinar os traços comuns do aluno, junto com suas características próprias e seu contexto.

Norwich apresentou quatro dilemas principais da inclusão:

1. O dilema do currículo comum: um aluno com graves problemas de aprendizagem deve aprender conteúdos iguais ou diferentes aos de seus colegas?
2. O dilema da identificação: a identificação dos alunos com necessidades especiais ajuda-os ou marca negativamente?
3. O dilema pai profissional: no momento das decisões sobre a escolarização dos alunos quem tem maior influência?

4. O dilema da integração: uma criança com sérios problemas de aprendizagem aprende mais na classe comum ou na classe especial com mais apoios (NORWICH, 1993, p.67)

Nesse estudo realizado por Norwich foram reunidos professores, os quais fizeram um levantamento destes dilemas enfrentados no cotidiano escolar, e chegaram a conclusão que existe a necessidade de prover novos recursos para a adaptação e estreitamento com a identificação dos alunos, visto que para prover recursos precisa identificar estes alunos.

Aqueles que atendem alunos autistas e com síndrome de Asperger, requer apoio externo, adaptações e orientações de especialistas, faz-se importante a estreita colaboração entre a família, o professor e o psicopedagogo, visando a identificação das possíveis causas de comportamentos, ou dificuldades de aprendizagem, trabalhando em conjunto na escola, para evitar o sentimento de fracasso e impotência por não haver apoio suficiente.

Alguns autores, assim como Teixeira e Klin, utilizaram suas pesquisas para dar continuidade à compreensão sobre a síndrome de Asperger, ou apontar outras vertentes sobre a mesma, e é essencial conhecermos as características e comportamentos dos alunos, para poder realizar um trabalho eficaz no processo de ensino-aprendizagem: Dificuldades de interação social limitando interesses e comportamentos; uso de peculiaridade no comportamento não-verbal para regular a interação social; falha no desenvolvimento de relações com pares da sua idade; falta de interesse espontâneo em dividir experiências com outros; falta de reciprocidade emocional e social.

Padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento, interesses e atividades envolvendo: preocupação com um ou mais padrões de interesse restritos e estereotipados; inflexibilidade a rotinas e rituais não funcionais específicos; maneirismos motores estereotipados ou repetitivos, ou preocupação com partes de objetos. (TEIXEIRA, 2005).

“Síndrome de Asperger, diferente do autismo clássico, não apresenta atraso ou retardo global no desenvolvimento cognitivo” (TEIXEIRA, 2005).

“Não há critérios para o grupo dos sintomas de desenvolvimento da linguagem e de comunicação” (KLIN, 2006).

Para Klin e Teixeira, os portadores da Síndrome de Asperger possuem dificuldade de interação social, por agirem de forma inapropriada, diferentemente de pessoas atípicas, ele argumenta que essas crianças conseguem compreender as emoções, intenções e convenções de outras pessoas, porém, elas sentem dificuldades de utilizar tais informações para gerenciar seu comportamento, não conseguindo acompanhar o ritmo da interação.

“É preciso levar em conta as necessidades específicas de crianças no espectro e promover adaptações no ambiente escolar pode fazer uma grande diferença na vida dessas crianças, não só no âmbito escolar, mas também no pessoal e social.” (ATTWOOD, 2015).

Existe uma redução significativa na reciprocidade social, sendo conhecido por seu “egocentrismo extremo”, pessoas com S.A. não conseguem manter conversas com seus pares sendo mais fácil para eles ler um livro, esta incapacidade de entender as regras sociais revelam seu egocentrismo, dificultando no processo de fazer amigos, aparentemente não mostram se importar com isso, mas não é a realidade. Ao longo do tempo tornam-se mais diferentes e estranhos, em uma busca constante à fazer amigos, viver em sociedade e compreender o mundo a sua volta, entretanto esta tentativa torna-se frustrada quando não existe a concretização, acarretando em um sentimento de frustração.

Em relação a termos sensório-motor, muitos apresentam movimentos estereotipados e repetitivos, principalmente diante de situações onde haja nervosismo e stress, estes comportamentos repetitivos involuntário e só pode ser diminuído até um certo ponto. De acordo com o Dr. Hans Asperger, estes alunos possuem um padrão muito restrito de interesses, geralmente são por poucas coisas, podem durar pela vida toda ou mudar com o tempo, porém quando desenvolvem estes interesses, tornam-se muito intenso, querem saber tudo sobre determinado assunto. Tais como: Eventos históricos, capitais, meteorologia, dinossauros, cinema, matemática, tabuada, pêndulos, insetos, números primos, guerra, mitologia, Horários, computadores, bonecas, astrologia, astronomia, entre outros. Além de terem fascínio por luzes, bem como por desenhos e símbolos. Não é comum existir mais do que duas áreas de interesse em simultâneo, sendo mesmo o mais frequente, existir apenas uma.

Pessoas com Síndrome de Asperger correlacionam estes interesses especiais com rotinas diárias e rituais. Pode-se perceber com a forma da arrumação do espaço, organizando objetos milimetricamente.

Como podemos perceber o aluno com Asperger necessita de um apoio emocional, e na maioria dos casos elegem alguém para este suporte, podendo ser a mãe, o psicopedagogo, o professor, porém este processo dá-se a partir de um período considerável, e no caso do professor, para obter esta confiança precisa primeiramente de um acolhimento inicial logo na chegada do aluno a instituição. Como não possuem prejuízos intelectuais, geralmente são matriculados em escolas regulares, sem a necessidade de escolas especiais, assim como acontece em casos de autismo clássico. Porém sem adaptações necessárias para acolher este aluno, culmina em diversos problemas como desistência ou fobia escolar.

No caso da “reação fóbica da escola”, ela é originada de uma ansiedade extrema do aluno, causada pelo ambiente assustador na sala de aula, no pátio, em casa ou diante de alguma situação nova ocorrida. É como uma mistura de sentimento de medo ligada a sobrecarga de experiências já vivenciadas, gerando o medo de sofrer bullying.

O bullying caracteriza ações a um alvo a ser exposto de forma repetida e por algum tempo, de forma negativa realizada por um ou mais alunos. Essa prática torna-se uma grande preocupação em relação aos alunos com Asperger, como são pouco sociáveis, inseguros, tímidos, sofrem com medo, dor e depressão, estão sempre tentando serem aceitos em grupo, possuem a autoestima comprometida, e passam a acreditar que merecem as ofensas. São vítimas por terem uma grande “ansiedade física”, que é o medo de serem magoados ou de se magoarem, de errarem num jogo por falta de coordenação motora ou de não entender uma piada. Eles geralmente relacionam-se melhor com os adultos e estas características para os agressores definem como “alvos fáceis”. Crianças com S.A. por vezes não contam à sua família que são vítimas de bullying devido seu problema de comunicação, cabe a pais e professores identificarem a possibilidade do ato de bullying e fazer perguntas apropriadas e concretas. Só depois podemos detectar precocemente o bullying em processo e serem evitadas consequências maiores.

Como consequência pode haver agressão física, problemas de baixo estima, performance acadêmica abaixo do esperado, evasão escolar, ou até em casos mais graves o suicídio.

Se a criança ou adolescentes apresentem alterações de personalidade, intensa agressividade, distúrbios de conduta, necessita-se a avaliação de psiquiatra e psicólogo.

Os pais podem e devem ajudar as crianças a interpretarem as suas ações, com o propósito de tornar-se defensores dos seus direitos, bem como serem facilitadores aos professores, informando suas capacidades e limitações a fim agir de forma preventiva e efetiva. É sempre importante em reuniões deixar claro os interesses sobre o desenvolvimento dos filhos e se possível entregar propostas em escrita para que possam ser analisadas e observadas para melhorias no ensino. (WHITMAN, 2015, p.281).

Para integração é necessário de um plano de apoio, realizado por médico e ou psicopedagogo, antes de iniciar as aulas, para aqueles que terão contato mais próximo com aluno. Também de extrema importância é a aceitação pela própria família, muitas vezes o sofrimento já começa dentro de casa, os pais podem querer que o filho se adapte ao que é considerável ideal perante a sociedade, trazendo assim mais frustrações e medos. O nosso papel em relação ao portador de S.A., como pais, professores e sociedade, é adaptarmos

a ele, e não o contrário, reforçando assim o que já vimos nas falas de Temple Grandin, em concordância a outros autores como no caso de Whitman.

Outro cuidado importante é com rotatividade de professores, embora saibamos que é uma realidade principalmente na escola pública, mudanças bruscas podem causar ansiedade, por isso recomenda-se apresentar o professor com antecedência a fim de promover períodos de convivência entre ambos.

Também é preciso estar atentos a professores e funcionários sem paciência e despreparados, para que não se apropriem do poder de forma abusiva, visto que o aluno com síndrome de Asperger pode irritar, ser agressivo em determinadas situações, pedante e repetitivo na fala, interrompendo a aula ou, não obedecendo aos acordos firmados, aparentando birra. Esta ação de profissionais também caracteriza bullying.

Crianças no espectro autista têm muita dificuldade em falar o que sente, não falam de sentimentos, por isso não pedem ajuda, faz-se necessário um olhar de perto, a fim de compreender as emoções através das ações. Possuem dificuldade de compreender as expressões nos rostos e olhares das pessoas. Aparentemente essas crianças aparentem um comportamento antissocial, com falta de empatia, ou sentimentos, para quem está vendo de fora, mas pode ser na verdade somente expressão de medo.

“As interações sociais diminuídas e o recolhimento podem não ser resultado de falta de compaixão, incapacidade de se colocar na posição de outrem ou falta de sentimentos, mas pelo contrário, podem resultar de um ambiente percebido de modo intenso e doloroso” (TEMPLE, p. 95, 2019).

Essa citação revela reações adversas devido aos problemas sensoriais, que nos leva a refletir sobre outra atitude importante no processo de inclusão e integração, que é usar o mesmo tom de voz, procurar não se exceder, gritar ou ser autoritário, não tocar no aluno, embora apesar da teoria, vemos muito na prática professores despreparados, que procuram impor respeito de forma brusca, assim tornando a sala de aula um ambiente de medo. Este ambiente não favorece para a integração, e muito menos ao ensino aprendizagem de nenhum aluno, quanto mais ainda prejudicial ao aluno de inclusão.

Pesquisadores realizaram inúmeros estudos sobre estas dificuldades com a comunicação e linguagem, mas poucos relatam sobre questões sensoriais, as quais justificam algumas atitudes do aluno, sendo muitas vezes estopins, diante de uma “crise”.

Temple Grandin, zootecnista, palestrante, autista, relata no livro cérebro autista, suas experiências dentro do espectro, e como os sentidos podem ser dolorosos para o autista.

Sabe o que mais odeio nas viagens de avião? O alarme que soa quando alguém acidentalmente abre a porta de segurança no aeroporto. Odeio alarmes em geral, de qualquer tipo. Quando era criança, o sinal da escola me deixava completamente doida. Era como um obturador de dentista. Sem exagero: o som causava uma sensação dentro do meu crânio como a dor de um obturador. (TEMPLE GRANDIN, 2019, p.77).

Temple explica que sons provocados podem até serem tolerados, mas aqueles repentinos, podem desencadear dor, e conseqüentemente a confusão, relata também que ao sentir uma grande sobrecarga de estímulos, as vezes ela se fechava e recolhia a um lugar escondido ou longe para bloquear estes estímulos, ou tinha ataques de raiva.

Eles não conseguem imaginar o mundo onde roupas que pinicam o fazem sentir-se pegando fogo, onde uma sirene soa” como se alguém tivesse perfurando meu crânio com uma furadeira” (TEMPLE GRANDIN, 2019, p.80). A mulher que passa pela minha mesa deixa um odor fortíssimo e meu foco muda. Então, por cima do meu ombro esquerdo escuto a conversa da mesa de trás. O lado áspero da abotoadura da minha manga esquerda roça no meu corpo para cima e para baixo. Isto começa a chamar minha atenção, enquanto o sussurro e o chiado da cafeteira se misturam a outros sons a minha volta. O visual da porta abrindo e fechando na frente da loja me consome por completo. Perdi o foco da conversa e não escutei quase nada do que a pessoa a minha frente falou. Percebo que escuto apenas o mundo estranho. (GRANDIN, 2019, p.89).

A seguir algumas características de hipersensibilidade sensoriais, para identificação¹:

Problemas de processamento visual:

- Ao olhar para lousa ou caderno mexe os dedos perto dos olhos.
- Inclina a cabeça para ler ou olha pelo canto dos olhos.
- Tem reações de espremer os olhos a luzes fluorescentes.
- Age como cego em ambiente desconhecido.¹
- As letras se “movem” quando leem.
- Não gosta de movimentos rápidos.
- Evita portas automáticas ou coisas que se movem rapidamente.
- Não gosta de grandes contrastes de claro e escuro ou cores fortes.
- Não gosta de formas claras ou quadriculadas.

Dica: o aluno pode ter dificuldades de escrever em papel branco, use tons de bege ou pastel.

Dica: Procure inclui-lo em uma sala com luz natural, de preferência perto da janela, evitando as lâmpadas.

¹ GRANDIN, T; PANEK, R. **O cérebro Autista**: Pensando através do espectro. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 105 a 107.

Problemas de processamento auditivo:

- Aparenta ser surdo, não correspondendo a chamado
- Não houve quando há ruídos de fundo.
- Tem dificuldades ouvir consoantes
- Tapa os ouvidos mediante sons altos

Dica: usar fones de ouvido quando houver barulhos altos

Problemas de sensibilidade tátil

- Não aceita abraços
- Só aceita roupas que não incomode
- Tem dificuldade com certas texturas
- Reage com raiva ao ser tocada

Dica: evite tocar se ele estiver nervoso

Problemas de Sensibilidade olfativa e gustativa:

- Evita certas substâncias e odores
- Cheiros fortes incomodam
- Tem crises nervosas ao sentir certos cheiros
- Só come certos alimentos
- Tem aversão a algumas texturas de alimentos

Dica: Se o aluno não gosta de texturas ou certos alimentos, não insista.

Nem todas as pessoas possuem o mesmo problema sensorial, mas independente de qual seja, é real e exige atenção, e somente a pessoa que a possui a carga sensorial poderá dizer o que isso representa. “o trabalho do educador – o papel da educação na sociedade – é perguntar: Bem, como ela é? Em vez de ignorar as deficiências, é preciso se ajustar a elas. (GRANDIN, 2019, p.190).” Para ela preparar crianças para participar no curso da vida, vai além de ajustar-se a deficiência, é encontrar formas de explorar os pontos fortes dela.

Podemos perceber a importância do educador, neste processo de aprender a conhecer o aluno, para que haja uma socialização da aprendizagem, o professor precisa criar um ambiente favorável a esta tarefa. Os climas emocionais e físicos, são muito mais importantes do que propriamente os espaços e recursos preparados pelo professor, a construção de um ambiente calmo é essencial para o aluno sentir-se seguro, e poder ver a figura do professor como um mediador, não como uma figura distante ou que inspira medo.

O “clima pesado” é quando o professor acredita ser o dono da verdade, mestre do saber, acaba por intimidar e assustar em ações contrárias a de se aproximar.

O professor considerado apto é aquele cujo conhecimento, não é para alimentar sua autoimagem, mas aquele que possui senso crítico a proposição de desafios e encaminhamentos de processos. As suas ações devem buscar objetivos, sonhos e metas, que andem na contramão da indiferença e prepotência.

Também existe um outro lado vivenciado pelos profissionais da educação, que é a falta de informação e qualificação específica, para atender os alunos dentro do espectro, muitos desconhecem totalmente as características dos alunos com Asperger. Todas as escolas e professores que atendem alunos autistas e com Síndrome de Asperger, requer apoio externo e orientações de especialistas psicopedagogos. faz-se importante a estreita colaboração entre a família, o professor e o psicopedagogo, sendo um conjunto na escola.

“Dessa forma, os professores do ensino comum e da educação especial precisam ser capacitados para trabalhar com os alunos especiais, bem como para compreender quais as melhores práticas e ferramentas que facilitarão seu aprendizado” (OMOTE, 1994).

Segundo Prieto (2006), “cabe aos sistemas de ensino o compromisso com a formação continuada do professor a fim de garantir a qualidade de ensino por meio de novas práticas pedagógicas que possam atender as características específicas dos alunos com necessidades educacionais especiais.”

Cabe então a instituição fornecer aos educadores em geral, não somente ao professor, mas a todos os funcionários que fazem parte do ambiente escolar, podendo ser por cursos de extensões, seminários, palestras realizadas em semanas pedagógicas, filmes, documentários, entre outros.

O papel em especial do psicopedagógico da escola requer equilíbrio e sensibilidade por parte do educador ao conduzir o aluno, identificando as dificuldades e programar as possibilidades de aprendizagem, conforme explicita Cunha 2009:

Quem avalia um educando com autismo deve, desde o contato inicial, na sua chegada à escola, transmitir-lhe a segurança de que ele estará conquistando um novo ambiente e que será bem recebido. Um ambiente para estímulos afetivos, sensoriais e cognitivos. Ainda que o espectro autístico demande cuidados por toda a vida, o derrotismo é o maior obstáculo para a aprendizagem. É fundamental, por conseguinte, que a concepção na educação seja centrada prioritariamente no ser humano e não na patologia. (CUNHA, 2009).

O professor em conjunto com psicopedagogo pode utilizar como ferramentas de aprendizagem, formas lúdicas como: jogos, artes, através de figuras, para maior

compreensão e interesse. Trabalhar a coordenação motora por meio de exercícios e jogos e desenvolver através de atividades direcionadas os processos cognitivos.

Desenvolver Materiais pedagógicos que ajudem nas dificuldades sensoriais como encaixe, formas geométricas, ajustadas por cores, tamanho, espessura e peso, auxiliam aluno a atingir etapas mais elevadas. Ensinar conceitos de espaço e tempo e medida, etc. são fundamentais para a aquisição de novos conteúdos.

A seguir uma lista de exemplos das dificuldades, estratégias compensatórias, e estratégias terapêuticas ao aluno com S.A.:

Tabela para realizar estratégias terapêuticas ²²

Dificuldade	Ponto forte de compensação	Estratégias Terapêuticas
Alteração no foco de atenção	Perseverança	Introduzir rotinas simples quando troca a atividade: encorajar a perseverança em outras situações
Compreender e reter informação complexa	Memória	Escrever informação complexa em blocos de notas; Usar tipos de jogos para facilitar rotina de aprendizagem dos factos, que não têm interesse quando vistos num livro de texto
Dificuldade em não se repetir	Perseverança, incapacidade de não se repetir mesmo nas situações em que os outros entendem como tédio	Introdução progressiva da ocupação do tempo e atividades complexas não relacionadas com os interesses especiais. Treino progressivo em mudanças de atividades.
Isolamento Social	Potencial para aprender a realizar atividades independentes	Organizar tempo para acomodação a interação social como para as atividades independentes
Comunicação Verbal	Vocabulário extensivo Comunicação Verbal	Possível habilidade viso espacial Escrever mensagens, usar imagens ou objetos concretos para ilustrar ideias abstratas
Interesse compulsivo nos sinais rodoviários	Interesse forte nos sinais rodoviários	Usar os sinais rodoviários para ensinar o nome das cores. Formas, subtração, adição
Funções Executivas	Aderência a rotinas e rituais	Fazer listas do “top-10” de itens para aprender, ordenar da direita para a esquerda, de cima para baixo..

José Pedro Machado Antunes, 2008, p.57

²² José Pedro Machado Antunes, 2008, p.57 .Disponível em <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/730/1/S%C3%Adndrome%20de%20Asperger%20e%20Bullying.pdf>. Acesso em 05/08/2020

Na tabela acima verifica-se os pontos fracos do aluno com Síndrome de Asperger e seus pontos de compensação, e traz algumas intervenções psicopedagógicas a serem aplicadas no ambiente escolar.

Uma excelente intervenção escolar é essencial para aumentar os conhecimentos das crianças com Asperger, pois ajuda a desenvolver as suas capacidades intelectuais, focando na sua necessidade e aprimorando seus pontos fortes a “psico educação” tem medidas gerais e específicas a concretizar, tendo como objetivo este desenvolvimento de medidas específicas, otimizando as intervenções educacionais diretamente ao aluno.

3-METODOLOGIA

O método escolhido para este aprendizado é pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa descritiva, este método trata-se de um levantamento já publicado em livros, revistas, artigos, publicações avulsas, entre outros, a fim de compreender os principais autores e temas relevantes ao desenvolvimento da pesquisa, colocando o pesquisador diante do assunto de seu interesse, fazendo com que possa tirar suas próprias conclusões a partir de várias bibliografias

A pesquisa bibliográfica é, em linhas gerais, um apanhado sobre as principais bibliografias já existentes sobre o tema escolhido, as quais são revestidas de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes (LAKATOS; MARCONI, 1992).

A partir desta compreensão a organização desta pesquisa foi primeiramente identificar autores que atuaram como médicos: Kanner e Asperger, escritores de artigos iniciais sobre o autismo sendo de fontes primárias, e analisando o ponto de vista de uma portadora de Síndrome de Asperger: Temple Grandin, escritora, zootecnista, a qual relata suas experiências vividas dentro do espectro.

Contudo, também foram analisados artigos de teses universitárias, pesquisa bibliográfica secundária direcionada a importância da inclusão, realçando a responsabilidade escolar em relação ao tema.

4-CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou a análise sobre a Síndrome de Asperger, dentro do espectro autista, reconhecendo suas características a partir de estudos bibliográficos de alguns autores, com o intuito de solucionar as dificuldades enfrentadas por alunos diagnosticados com esta patologia, no processo de inclusão em meio ao ambiente escolar.

Como vimos a inclusão destes alunos, é um grande desafio para política educacional, considerando que estão na ponta do espectro, e não possuem atrasos cognitivos, como é o caso da maioria dos autistas clássicos, toda essa diversidade de características dentro desta linha, acaba acarretando numa errônea ideia que alunos com Asperger são meros birrentos ou insensíveis. O fato de verem o mundo de forma objetiva e lógica, acaba atrapalhando na comunicação, tanto na compreensão das informações dadas por professores, como no dia a dia em conversas com aqueles o qual se relacionam.

Os estudos mostram também que a primeira barreira que torna mais difícil a inclusão, é a falta de conhecimento e preparação para acolher os possíveis alunos. Muitos professores sentem despreparado, os estudos evidenciam a necessidade da formação de docentes em um aprimoramento deste processo, ampliando a carga horária das disciplinas ofertadas, podendo assim terem aprofundamento teórico, para que estejam aptos a atuar diante do aluno com Asperger, a fim de que estes se envolvam em todos os seus aspectos: físico, afetivo, social e cognitivo.

Vimos neste artigo que desde muito tempo havia uma abordagem psicanalítica que estudava a causa comportamento e tentavam removê-la, e com o passar do tempo este estudo foi ficando obsoleto, e através de vários médicos e pesquisadores chegaram à conclusão que não é preciso buscar as causas dos sintomas para tratar e ajudar no desenvolvimento de pessoas portadoras de S.A.

Considera-se de extrema importância o trabalho conjunto entre a família e os profissionais envolvidos. Assim como vimos o papel importante da mãe de Temple Grandin(portadora de S.A.), a mãe supôs que não poderia fazer nada em relação a causa do comportamento dela, então começou a se concentrar no comportamento, essa atitude revela um ponto crucial para a inclusão, um olhar diferenciado dos pais, professores, psicopedagogos, em conhecer a particularidade de cada um e focar no comportamento em si, como estratégia de inclusão. Assim se uma criança gosta trens os professores podem ler um livro sobre o assunto para ensinar matemática.

De uma maneira geral, o processo de inclusão de alunos com síndrome de Asperger ainda não é favorável na prática, precisamos urgente reconfigurar o espaço escolar à medida que o aluno necessita, pois cada ser humano é único e irrepetível, e é papel de todos os envolvidos garantir aos alunos com autismo educação de qualidade, de maneira a atender suas necessidades educacionais e valorizar suas habilidades específicas.

REFERÊNCIAS

ASPERGER, H. Psicopatia autista na infância. Autismo e síndrome de Asperger. Londres: Cambridge University Press. 1991 p. 37-92 (Trabalho original publicado em 1944). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000200307. Acesso em 03/08/2020.

AINSCOW, M; Tweddle, D. **Incentivando o sucesso da sala de aula.** Londres: D.Fulton, 1988, p. 69.

ANTUNES, J. **Síndrome de Asperger e o Bullying:** Uma realidade escondida. Mestrado em medicina, 2008, p. 57. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/730/1/S%C3%ADndrome%20de%20Asperger%20e%20Bullying.pdf>. Acesso em 10/08/2020

BUENO, A. **Necessidades da criança com asperger:** importância e desafios de uma inclusão eficaz, blog, 2017. Disponível em: <https://sindromedeasperger.blog/2017/09/23/escola-recusa-em-ir-necessidades-da-crianca-com-asperger-importancia-e-desafios-de-uma-inclusao-eficaz/>. Acesso em 10/08/2020.

CASSELLA, S. **Um olhar diferenciado sobre os alunos com Síndrome de Asperger.** Dia a dia educação, caderno PDE, Paraná. 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_suelydiascandidodesouza. Acesso em 03/08/2020

COLL, C. *et al.* **Desenvolvimento psicológico e educação:** Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais, 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão:** Psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: WAK, 2009

GRANDIN, T; PANEK, R. **O cérebro Autista:** Pensando através do espectro. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019, p. 16 e seg.

KANNER, L. Autistic disturbances of affective contact, Nervours child 2, 1943.

KLIN, A. **Asperger syndrome:** na update. Revista Brasileira de Psiquiatria. 2, 2003, p.103109.

_____. **Autismo e síndrome de Asperger**: uma visão geral. Rev Bras Psiquiatr. 2006;28(Supl I):S3-11

NORWIC, B. **Dilemas ideológicos na educação especial**: visão dos praticantes. Oxford: Review of education, 4 ed, 1993

OMOTE, S. **A integração do deficiente**: um pseudoproblema? Anais da XXIV :Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto/SP, 1994.

PRIETO, R. G. **Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais**: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: ARANTES, V. A. Inclusão escolar pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

TAKEDA, T. **Psicopedagogia e autismo**: Uma estratégia de ensino: o popular, 2015. Disponível em :<https://www.opopular.com.br/noticias/ludovica/blogs/viva-a-diferen%C3%A7a/viva-a-diferen%C3%A7a-1.925289/psicopedagogia-e-autismo-um-estrat%C3%A9gia-de-ensino-1.1010218>. Acesso em 12/08/2020

TEIXEIRA, P. **Síndrome de Asperger**: Psicologia. pt–O Portal dos Psicólogos, 2005.

WHITMAN, T. **O desenvolvimento do autismo**: Social, Cognitivo, Linguístico, Sensorio-motor e Perspectivas Biológicas. São Paulo: M. Books do Brasil, 2015, p. 281.